

7. ENTRE PESSOAS, RIOS E FLORESTAS: A PESQUISA COMO BASE DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maria Cristina Gomes Machado/UEM¹⁴

Fomos contemporâneas, no doutorado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), do professor Anselmo Alencar Colares e, conseqüentemente, tivemos a oportunidade de conhecer a professora Maria Lilia Imbiriba Sousa Colares. Conhecemos a produção de ambos e a acompanhamos, inclusive pela movimentação, pela vitalidade e pela beleza do trabalho que o grupo desenvolve, especialmente nas redes sociais. Trata-se, para nós, de uma referência que se coloca como horizonte a ser alcançado.

Inclusive, em função da identidade visual do grupo de vocês, sentimos a necessidade de construir também a nossa própria identidade em Maringá. Para isso, contratamos uma equipe de artes visuais e, em breve, teremos consolidada a nossa identidade visual. Esse movimento não é apenas estético, mas expressa um posicionamento coletivo, uma forma de afirmação de um grupo que se constitui no campo da pesquisa e da formação.

Admiramos profundamente a perseverança do grupo da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que mantém o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR” como referência e, nesse processo, vai se expandindo e se

¹⁴ Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE), da Universidade Estadual de Maringá e Pesquisadora 1B do CNPq.

enraizando nesta região, afirmando a produção científica para além dos centros tradicionais.

Intitulamos nossa apresentação, parafraseando a professora Lilia Colares, como “Entre pessoas, rios e florestas: a pesquisa como base da formação e da educação”.

A professora Lilia Colares destacou que estamos entre rios e florestas. A partir dessa formulação, acrescentamos um elemento que consideramos fundamental: a pujança das pessoas que constituem essa região. Pessoas comprometidas com a transformação da sociedade, com um olhar crítico e atento, que buscam compreender, por meio da pesquisa, a realidade na qual estão inseridas e, a partir disso, encaminhar ações e possibilidades de mudança.

Nesse sentido, as teorias educacionais só adquirem efetivo significado quando fundamentam os estudos dos intelectuais e orientam práticas concretas. Há, portanto, uma preocupação central com a ação intelectual. Um bom estudo não pode permanecer restrito ao espaço acadêmico, ele precisa alcançar as pessoas, dialogar com a sociedade, produzir efeitos. A pesquisa, nesse horizonte, deve provocar impacto e transformação.

O grupo HISTEDBR de Santarém constitui um exemplo expressivo da importância do trabalho coletivo, do trabalho em equipe, das múltiplas mãos que se articulam em torno de uma questão comum. Trata-se de uma experiência que evidencia que a produção do conhecimento não é um ato isolado, mas um processo social, coletivo e historicamente situado.

Iniciaremos nossa exposição reportando-nos a Marx (2007). É possível perceber que nossas referências teóricas se mantêm ao longo das décadas, o que demonstra a força e a atualidade dessas formulações. Ingressamos no curso de

Pedagogia em 1985, em um contexto de abertura política no país. Nesse período, cursamos uma disciplina com o professor Fernando Pontes de Souza, que nos apresentou, já no primeiro semestre, a leitura de *A Ideologia Alemã*.

Tal experiência foi marcante. Talvez seja por isso que, de maneira simplificada, se afirma que as universidades são espaços “comunistas”. No ano seguinte, cursamos Sociologia com o professor José Claudinei Lombardi, que, naquele momento, preparava-se para o doutorado na UNICAMP. Como jovens oriundas de uma cidade de médio porte, começamos a compreender a existência de um percurso acadêmico que envolvia graduação e pós-graduação, percebendo que seria possível avançar até o mestrado e o doutorado.

Esse aspecto é fundamental. A formação dos professores e sua capacidade de compartilhar essa trajetória com os estudantes produz efeitos concretos na ampliação de horizontes. O professor “Zezo”, como o chamávamos, causava estranhamento. Sua experiência com povos indígenas na Amazônia, sua postura exigente e seu modo de compreender o mundo nos colocavam diante de uma perspectiva distinta daquela com a qual estávamos habituadas. Esse contato foi decisivo para a constituição de nossa trajetória intelectual.

A partir disso, coloca-se uma questão central para todos nós, professores e pesquisadores: como demonstrar ao outro que ele também é capaz? Como criar condições para que os estudantes se reconheçam como sujeitos do conhecimento? Trata-se de um desafio complexo.

Estar na universidade e exercer a docência tem se tornado cada vez mais difícil, e isso é amplamente evidenciado por estudos na área. Ainda assim, a formação humana que se

constrói na interação entre as pessoas permanece como elemento fundamental. É nesse espaço relacional que se produzem aprendizagens que extrapolam o conteúdo formal.

Vivemos em uma região do noroeste do Paraná marcada pelo desmatamento, pela ausência de matas. Em contraste, a região de Santarém apresenta uma vasta área de florestas, de grande beleza e riqueza. Trata-se de um patrimônio que precisa ser conhecido, valorizado e compreendido.

Nesse contexto, o HISTEDBR da UFOPA desempenha um papel fundamental ao demonstrar que, nessa região, também se produz ciência, conhecimento e formas de vida que precisam ser reconhecidas.

Este capítulo tem como objetivo problematizar a importância da pesquisa como base da formação dos profissionais da educação. Em uma sociedade caracterizada pela rapidez das informações e pela fugacidade dos processos, torna-se essencial desenvolver a capacidade de organizar o pensamento e construir uma consciência crítica voltada à intervenção na realidade. Fazer ciência, nesse contexto, não é opcional, é imprescindível.

O planejamento e a organização constituem elementos centrais do processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, Marx (2013) explicita que o trabalho humano se distingue pela capacidade de antecipação ideal, pela construção mental do resultado antes de sua realização concreta.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha muitos arquitetos humanos com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo

em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já existia idealmente na representação do trabalhador, no início, portanto, um resultado que já tinha existido idealmente. O homem não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como uma lei, a espécie e o modo de sua atividade, e ao qual tem de subordinar sua vontade (Marx, 2013, p. 255).

A humanidade produz e reproduz sua vida material por meio do trabalho, e o faz com base nesse planejamento. Essa atividade constitui um exercício fundamental à condição humana e precisa ser estimulada, especialmente na formação de educadores, como forma de combater o espontaneísmo e a superficialidade.

Nossa preocupação reside, portanto, na necessidade de que todas as ações sejam pensadas, refletidas e antecipadas idealmente. Para a pesquisa, isso é decisivo. É necessário ter clareza sobre o que se pretende investigar, quais caminhos serão percorridos e quais fundamentos teóricos sustentam a análise.

O grupo de pesquisa assume, nesse processo, um papel estruturante, pois oferece um acervo teórico-metodológico que sustenta os pesquisadores e possibilita a socialização do conhecimento produzido. Trata-se de um espaço de formação, de produção e de difusão.

O HISTEDBR se destaca como experiência pioneira nesse campo, ao articular a construção de acervos documentais com a produção de orientações teórico-metodológicas consistentes. Sua atuação contribui para que o debate educacional não se esvazie e para que as pesquisas se

constituam como instrumentos de análise crítica da realidade social.

Nesse mesmo movimento, insere-se a produção de Rocha e Zanelato (2024), que, ao tomarem as fontes no campo da História da Educação a partir do materialismo histórico-dialético, evidenciam que a produção do conhecimento não se realiza de forma neutra, tampouco dissociada da realidade concreta, mas se constitui no interior das relações sociais historicamente determinadas. Os autores demonstram que as fontes não podem ser compreendidas como registros passivos ou meros vestígios do passado, mas como expressões das relações de produção, das disputas e das contradições que atravessam a constituição dos fenômenos educacionais.

Ao situarem o objeto no plano da materialidade histórica, Rocha e Zanelato (2024) explicitam que a investigação em educação exige a apreensão das múltiplas determinações que conformam o fenômeno educativo, recusando tanto o empirismo descritivo, que se limita à aparência imediata, quanto o formalismo abstrato, que se afasta da realidade concreta. Nesse sentido, a produção do conhecimento implica a mediação entre teoria e realidade, orientada por um referencial teórico-metodológico capaz de apreender a totalidade social e suas contradições. Tal perspectiva reafirma a necessidade de uma formação de pesquisadores comprometida com a análise crítica da realidade e com a compreensão dos processos históricos que constituem a educação como prática social.

Nessa perspectiva, a compreensão das fontes adquire centralidade no processo de investigação, uma vez que elas não são tomadas como evidências neutras, mas como produções históricas que expressam as relações sociais em que

foram constituídas. A fonte, portanto, não fala por si mesma, mas exige mediação teórica que permita apreender seus sentidos para além da aparência imediata.

Assim, o trabalho com fontes implica não apenas sua identificação e descrição, mas a análise das condições de sua produção, circulação e utilização, o que permite compreender os interesses, as disputas e as determinações que atravessam os registros educacionais. Tal abordagem reafirma a necessidade de superar leituras superficiais ou descontextualizadas, orientando a pesquisa para a apreensão da realidade em sua historicidade e complexidade.

Tal compreensão possui implicações diretas para a formação de professores, uma vez que desloca o processo formativo de uma perspectiva técnico-instrumental para uma abordagem que reconhece o professor como sujeito histórico. Isso implica compreender a docência não como aplicação de métodos previamente definidos, mas como prática social inserida em determinadas condições materiais, que exigem interpretação, posicionamento e intervenção.

Dessa forma, a pesquisa assume papel formativo fundamental, não apenas como produção de conhecimento, mas como possibilidade de desenvolver nos futuros professores a capacidade de análise das determinações que incidem sobre o trabalho pedagógico. Trata-se de formar profissionais que não apenas reproduzam práticas, mas que compreendam criticamente as condições em que atuam e as possibilidades de transformação da realidade educacional.

A apreensão do fenômeno educativo, nessa perspectiva, exige considerar que ele se constitui na unidade entre múltiplas determinações, não podendo ser reduzido a uma dimensão isolada, seja ela pedagógica, institucional ou normativa. Trata-se de compreendê-lo como parte de uma

totalidade social em movimento, marcada por contradições que se expressam nas políticas educacionais, nas práticas pedagógicas e nas formas de organização do trabalho docente.

Nessa direção, a categoria da totalidade não se apresenta como uma soma de elementos, mas como a compreensão das relações que os constituem, permitindo apreender o fenômeno educacional em sua dinâmica histórica. Do mesmo modo, a contradição não se configura como um obstáculo à análise, mas como elemento constitutivo da realidade, sendo condição para a explicação dos processos educacionais e das transformações que os atravessam.

Nesse sentido, essa produção não se restringe ao plano institucional ou organizativo dos grupos de pesquisa, mas se materializa em investigações que explicitam, no plano teórico-metodológico, as bases dessa perspectiva. À medida que a educação se aprofunda, consolida-se como produção humana. No ensino superior, inclusive em países considerados avançados nas questões de gênero, a presença masculina ainda é predominante. A maternidade, muitas vezes, aparece como obstáculo à carreira acadêmica. O grupo da UFOPA, contudo, apresenta maior equilíbrio, com participação significativa de mulheres na pesquisa.

Recorremos a Marx (2013) ao considerar que a produção da vida material por meio do trabalho fundamenta-se no planejamento e execução da ação. Esse processo é essencial à formação de novos pesquisadores, sendo a educação elemento central.

Saviani (2008), em *Escola e Democracia*, desenvolve essa proposição, oferecendo um texto fundamental para a formação de educadores. Lamentamos que muitos cursos de Pedagogia tenham deixado de trabalhar essa obra, produzida no contexto de redemocratização do país. A ampliação do

acesso à educação não garante, por si só, sua qualidade. Por isso, a defesa de uma educação pública de qualidade permanece central. Nesse sentido, *Escola e Democracia* (2008) pode ser compreendida como um marco fundamental do pensamento educacional brasileiro.

Retomemos o artigo de Bianchetti e Meksenas (2004), direcionado à reflexão e à prática da pesquisa na formação de pedagogos e demais licenciados. Essa preocupação precisa estar presente entre os professores e todos aqueles envolvidos com a docência, haja vista que os profissionais que dominam os instrumentos da pesquisa encontram-se mais bem preparados para relativizar os discursos do senso comum a respeito da educação e de seu cotidiano. Esses sujeitos tornam-se capazes de desenvolver análises críticas acerca dos contextos sociais e econômicos que sustentam práticas autoritárias, como decisões legais ou reformas educacionais impostas de modo unilateral pelo poder executivo aos sujeitos da educação formal.

Ao desenvolver uma visão crítica da educação, fundamentada em pressupostos que consideram o contexto histórico e as consequências das ações humanas, torna-se possível construir formas de resistência. Essa perspectiva permite ao pesquisador pensar de maneira mais rigorosa sobre seu trabalho e sua pesquisa, ao mesmo tempo em que o insere na história e nas relações sociais concretas. O pesquisador, enquanto sujeito histórico, não se separa do objeto investigado. Não há possibilidade de dicotomia nessa relação, uma vez que ela é constituída pela contradição, categoria central na análise que aqui assumimos como fundamento.

É importante reconhecer que todo conhecimento oriundo da pesquisa carrega, de forma implícita ou explícita, proposições políticas. O pesquisador e o objeto pesquisado

integram a mesma realidade histórica, situada em determinado tempo e espaço. Nessa direção, ciência e pesquisa configuram-se como práticas sociais e políticas. Independentemente do objeto investigado, seja ele relacionado às tecnologias, à educação do campo, à construção das escolas ou às relações entre educação e religião, há sempre implicações que ultrapassam o campo estritamente técnico.

Temos observado, de modo recorrente, a preocupação com o planejamento da pesquisa, seja no âmbito individual, na relação entre orientador e orientando, seja no domínio aprofundado do objeto investigado. Esse domínio depende do nível da pesquisa, do estágio formativo do pesquisador e das condições concretas em que o estudo se desenvolve. Torna-se imprescindível o conhecimento rigoroso do objeto, seja ele constituído por fontes documentais, registros orais, materiais iconográficos ou outras formas de evidência empírica, considerando que lidamos, no campo da educação, com uma diversidade significativa de fontes e registros.

Ao mesmo tempo, impõe-se a necessidade de questionar o caráter utilitarista e imediatista frequentemente atribuído à pesquisa. Não é incomum que sejamos interpelados acerca da utilidade do que investigamos. Diante disso, é necessário afirmar, com rigor, que a pesquisa cumpre uma função fundamental na compreensão do caráter histórico das crenças, da cultura e dos modos de vida da sociedade. Investigar a educação implica compreender processos complexos, que não se submetem a respostas simplificadas ou a soluções prontas.

A educação não opera com base em receitas. Na prática pedagógica, as turmas se transformam, os sujeitos são

distintos, e as estratégias não se repetem de maneira idêntica. Uma metodologia que apresenta resultados em determinado contexto pode não produzir os mesmos efeitos em outro. Em muitos casos, observa-se que os estudantes permanecem presos a uma lógica de recepção passiva, centrada na aula expositiva, sem avançar para formas mais elaboradas de apropriação do conhecimento.

Diante desse cenário, coloca-se o desafio de pensar historicamente os fenômenos educacionais, o que exige tempo, delimitação do objeto e rigor teórico-metodológico. Um projeto de pesquisa consistente é aquele que estabelece objetivos claros e que, ao final de seu desenvolvimento, é capaz de demonstrar em que medida esses objetivos foram alcançados. Essa relação entre planejamento e execução constitui elemento central no fazer científico.

Nesse ponto, retomamos Marx (2013), em *O Capital*, quando realiza uma crítica contundente às pesquisas submetidas à lógica do capital. Segundo o autor, os pesquisadores desinteressados foram progressivamente substituídos por mercenários, e a investigação científica imparcial cedeu espaço a formas de produção do conhecimento marcadas por interesses apolégicos. Nessas condições, não se produz conhecimento efetivamente novo; o que ocorre, muitas vezes, é a reformulação de ideias já existentes por meio de alterações superficiais no vocabulário.

A análise marxiana evidencia a necessidade de superação das contradições próprias da sociedade burguesa, estruturada pela produção social e pela apropriação privada, individual. Esse modo de organização engendra uma série de contradições, entre as quais se destacam a oposição entre burguesia e proletariado, a disciplina da produção no interior da fábrica e a anarquia do mercado, a coexistência entre

superprodução e miséria crescente. Trata-se de um conjunto de determinações que incidem diretamente sobre a produção do conhecimento e sobre o papel social da pesquisa.

Nesse contexto, não há como admitir que a produção científica permaneça restrita ou inacessível. A pesquisa, especialmente aquela desenvolvida no interior das universidades públicas e financiada com recursos públicos, precisa ser socializada. Não se sustenta mais a ideia de que o conhecimento possa ser produzido e mantido em caráter privado, como algo que se guarda e não se compartilha. A socialização do conhecimento constitui parte do compromisso ético e político do pesquisador.

Dessa forma, reafirma-se o compromisso político inerente à atividade de pesquisa. Nesse sentido, parabenizamos o grupo HISTEDBR/UFOPA pelos seus 15 anos de atuação e expressamos nosso agradecimento ao professor Anselmo Colares, à professora Lília Colares e aos demais integrantes do grupo, que nos possibilitam conhecer um Brasil diverso daquele que compõe nossa realidade imediata. A pesquisa se constrói a partir das diferenças e das múltiplas determinações que constituem a realidade social.

É necessário romper com a centralidade histórica do eixo Rio–São Paulo–Brasília na produção do conhecimento educacional brasileiro. Impõe-se a necessidade de considerar os desafios regionais, as especificidades culturais e as formas diversas de organização da vida social. Nesse sentido, destacamos a riqueza da região do Grão-Pará, não apenas em termos naturais, mas também no que se refere à produção de conhecimento, conforme evidenciam as investigações conduzidas pelo grupo local.

Dessa forma, reafirma-se que a pesquisa, compreendida pelo materialismo histórico-dialético, não se

constitui como atividade acessória ou complementar à formação dos profissionais da educação, mas como dimensão estruturante do processo formativo. Ao possibilitar a apreensão das múltiplas determinações que constituem o fenômeno educativo, a pesquisa se coloca como mediação fundamental entre teoria e realidade, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente as condições históricas em que atuam.

Nesse sentido, a educação não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas ou procedimentos descolados da realidade social, uma vez que se constitui como prática historicamente situada, eivadas por contradições que expressam as relações sociais mais amplas. A formação docente, quando fundamentada na pesquisa, permite superar o imediatismo e o pragmatismo, afirmando-se como processo de construção de conhecimento orientado pela análise da totalidade social.

Ao mesmo tempo, torna-se imprescindível reconhecer que a produção do conhecimento não se realiza de forma neutra, mas está inserida em disputas e interesses que atravessam a sociedade. Nesse contexto, a socialização da pesquisa e do conhecimento produzido assume caráter ético e político, sobretudo quando se trata de investigações desenvolvidas no âmbito das universidades públicas.

Assim, ao valorizar experiências como as desenvolvidas no âmbito do HISTEDBR/UFOPA, não se trata apenas de reconhecer a produção acadêmica realizada, mas de afirmar a importância de deslocar o olhar sobre a educação brasileira, incorporando suas múltiplas determinações regionais, históricas e culturais. Trata-se de reconhecer que a produção do conhecimento não pode permanecer circunscrita a determinados centros, mas deve

expressar a diversidade e as contradições que constituem a realidade social brasileira.

Por fim, reafirma-se que pensar a pesquisa como base da formação em educação implica assumir o compromisso com a compreensão da realidade concreta e com a transformação das condições que a constituem, compreendendo a educação como prática social e histórica, inseparável do movimento mais amplo da sociedade.

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. Por uma práxis da pesquisa na graduação: notas da experiências didático-pedagógicas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.21, n.7, p. 69-89, set./dez. 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROCHA, Alessandro Santos da; ZANELATO, Ítalo Ariel. As fontes e a história da educação: uma abordagem a partir da perspectiva do materialismo histórico e dialético. **Revista Caderno Pedagógico – Studies Publicações e Editora Lta**, Curitiba, v.21, n.6, p. 01-15, 2024.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003, p. 11-22.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP:
Autores Associados, 2008.